

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REVISÃO DE LITERATURA

Siony Rocha de Sousa¹
Edivânia Ferreira Agostinho²
Erdenia Alves Santos³

RESUMO

Este estudo tem como objetivo discutir como as relações de gênero têm se manifestado nas aulas de Educação Física Escolar, a partir de uma revisão de literatura. O trabalho caracteriza-se como uma revisão bibliográfica qualitativa, do tipo exploratória e opinativa. O *corpus* teórico do estudo foi composto por 10 artigos, indexados na plataforma *SciELO*. A análise dos dados se deu com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). A partir da investigação emergiram duas categorias: 1) Percepção dos docentes; e 2) Experiências dos discentes. Os resultados mostraram que tanto as vivências dos docentes, quanto dos discentes, revelam que ainda há estereótipos e desigualdades de gênero nas aulas de educação física desenvolvidas na escola. Considerando o próprio currículo da educação física escolar e a atuação dos professores, os quais são flexíveis, vemos aí um caminho para que a participação de meninos e meninas venha a ocorrer de forma democrática. Sendo assim, é necessário o desenvolvimento estratégias metodológicas, para que as aulas de educação física direcionem as aprendizagens de forma reflexiva e autônoma, de modo que as desigualdades de gênero venham ser rompidas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Gênero, Docentes, Discentes.

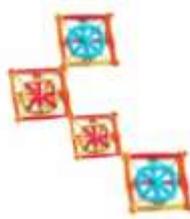
INTRODUÇÃO

No Brasil, o surgimento da Educação Física no ambiente escolar, de acordo com Ferreira (2002 apud SOUSA, 2010), se deu ainda no século XIX com a implantação de atividades físicas, sendo pouco depois, obrigatória à realização exercícios de ginástica e dança. Posteriormente, foi ganhando características diferenciadas, advindas principalmente do militarismo, higienismo e do esporte, a partir de influências sociais, políticas, culturais e históricas.

¹ Mestre em Educação Física, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Professora da Educação Básica (SEDUC-CE); sionyrocha.edf@gmail.com;

² Mestre em Ensino de História pela Universidade Regional do Cariri, Professora da Educação Básica (SEDUC-CE); edivaniafagostinho@gmail.com;

³ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande, professora da Educação Básica (SEDUC-CE). erdenialves@gmail.com



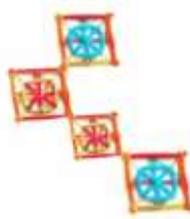
Para Oliveira (1999), a Educação Física é a única disciplina que permite uma abordagem biológica, antropológica, sociológica, psicológica, filosófica e política das práticas corporais como manifestação humana, justamente pela sua constituição “multidisciplinar”, o que a torna fundamental no processo de ensino, pois possibilita aos educandos a aquisição de competências fundamentais a sua formação cidadã.

É nesse sentido, que se admite a Educação Física, como uma das disciplinas que contribui para a construção da visão de mundo dos alunos, uma vez que valoriza dentre outras coisas, as questões socioculturais no desenvolvimento de seus conteúdos na escola, e não se limita (ou não deve limitar-se) ao desenvolvimento técnico e/ou motor, decorrente da realização das práticas corporais.

Por esse caminho, quando pensamos a respeito das relações de gênero, entendemos que esse é um tema que se inter-relaciona com a própria constituição da disciplina educação física, tanto pelo seu caráter interdisciplinar, como também no que se relaciona aos usos e atributos do corpo, bem como a construção de feminilidades e masculinidades, no campo do esporte e da atividade física, e que conseqüentemente, repercutem nas práticas docentes e/ou discentes desenvolvidas na educação física escolar. Sobretudo, ao considerarmos que durante muito tempo, foi comum a realização de atividades físicas diferenciadas para homens e mulheres, em diferentes contextos, inclusive nas escolas.

Ao nos referirmos à noção de gênero, partimos do entendimento de que esse termo, para além de simbolizar as diferenças entre homens e mulheres, pode ser compreendido não apenas tendo em consideração padrões e diferenças biológicas fisiológicas e anatômicas, mas diz respeito a valores históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais e psicológicos atrelados a esses papéis. De tal modo, o gênero se constrói mediante as diferenças culturais atreladas a ideia de masculino e feminino (LOURO, 2010).

Partindo desse pressuposto, ao considerarmos práticas desenvolvidas no âmbito da educação física, ainda é comum se observar alguns estereótipos de gênero atrelados às práticas corporais, que acabam por limitar e/ou delimitar a participação nas atividades desenvolvidas dentro e fora da escola, como por exemplo, a ideia de que ginástica e a dança que possuem características que são atreladas a figura feminina, enquanto o futebol e o futsal são relacionados ao masculino. (PINHEIRO E LOPES, 2007).



Outro aspecto que contribuiu para essas relações desiguais foi à execução de aulas separadas ou atividades diferenciadas para homens e mulheres, sobretudo quando se considera a prática esportiva (CORRÊA, NUNES, GRAEFF, 2012). Assim como, no que se relaciona a realização de competições escolares, por exemplo, onde a participação das alunas atletas, tende a ser menor em modalidades culturalmente consideradas masculinas, e em geral, leva a manifestações de discriminações e espetacularização do corpo feminino (BOSHOLN, PAIM, 2017).

Percebe-se assim a relevância do tema a ser discutido na área educacional, pois a prática pedagógica do professor de Educação Física reflete em vários fatores relacionados ao processo de ensino-aprendizagem e a construção de saberes, assim refletir sobre temas que perpassam suas rotinas é fundamental para a sua atuação profissional. Nossas próprias experiências pedagógicas também nos motivam a realizar esse levantamento. Desse modo, o objetivo do presente trabalho é discutir como as relações de gênero têm se manifestado nas aulas de Educação Física, a partir de uma revisão bibliográfica.

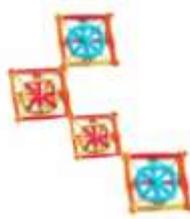
METODOLOGIA

Considerando que pretendemos compreender como as relações de gênero transcorrem no âmbito da educação física escolar, este trabalho caracteriza-se como uma revisão bibliográfica qualitativa, do tipo exploratória e opinativa, uma vez que possibilita compreender as intenções e analisar as evidências sobre determinado tema ou assunto (GIL, 2008).

Parte-se da perspectiva teórico-metodológica da história social, visto que tal concepção nos permite voltar ao passado para compreender como surgiram questões atuais, lançar mão a mesma é imprescindível para compreensão das manifestações sociais mais recentes (BARROS, 2005).

Assim, a aquisição de dados foi realizada mediante um levantamento bibliográfico, o qual compõe o *corpus* teórico do estudo. A elaboração se dá exclusivamente a partir de pesquisas já produzidas, o que permite ao pesquisador uma ampla visão do seu objeto de estudo (GIL, 2008).

Para a realização dessa revisão bibliográfica, definiu-se o arco temporal o período compreendido entre 2010 e 2020. Os dados foram obtidos em agosto de 2020,



através de uma busca realizada na plataforma *scielo*. A definição desta como única plataforma de pesquisa fundamentou-se na observação da abrangência dos periódicos nacionais e internacionais.

Foram encontrados 13 artigos, que permitiram os pesquisadores analisarem e confrontarem para se chegar a um consenso. A relação final foi um total de 10 artigos. Para a análise dos dados recorreu-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), isto é, os dados foram organizados através da divisão dos componentes de um conteúdo em categorias. Deste modo, após análise dos conteúdos dos artigos sugeriram duas categorias: 1) Percepção dos docentes; 2) Experiências dos discentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que neste ensaio considerou-se os estudos referentes às relações de gênero no campo da educação física, a apresentação dos resultados se dará de acordo com a ênfase dada ao fenômeno em análise pela literatura consultada, com base nas categorias pré-estabelecidas. Na Tabela 1 estão relacionados os artigos analisados neste ensaio.

Tabela 1: Relação dos artigos analisados

AUTORES	ANO	OBJETIVO	RESULTADOS
Altmann, Ayoub e Amaral	2011	Analisa como o gênero perpassa a prática docente em Educação Física.	Diferenças de desempenho de meninos e meninas nas práticas corporais aparecem como a principal fonte de conflitos e o aspecto mais considerado durante o planejamento. As aulas mistas podem problematizar concepções estereotipadas de feminino e de masculino.
Moraes e Silva	2012	Mostrar como o processo de escolarização e a disciplina de Educação Física ajudaram a produzir e engendrar comportamentos masculinos e femininos.	A Educação Física, através das práticas de Ginástica e de Esporte, contribuiu significativamente para a construção desse modelo dual nos processos de escolarização.
Andrés <i>et al</i>	2014	Analisou o comportamento de professores espanhóis e a transmissão de estereótipos de gênero.	Identificaram quatro grandes temas relacionados à transmissão de estereótipos de gênero de professores: genéricos masculinos, expressões estereotipadas, atenção nominativa e ordem de prioridade.
Andres, Jaeger e Goellner	2015	Analisar como estudantes e supervisoras participantes do subgrupo Educação Física do	Existe uma associação entre os conceitos de gênero e sexualidade cujas explicitações mantêm forte

		Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Santa Maria compreendem temas afetos às relações de gênero e de sexualidade.	relação com aspectos biológicos do corpo e estão assentadas quase que exclusivamente em normas heteronormativas.
Uchoga e Altmann	2015	Entender como se dão as relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar e como a diversificação desses interfere nas relações de gênero durante as aulas.	As análises feitas indicam que meninos e meninas lidavam de maneiras distintas com a aprendizagem de novos movimentos e conteúdos.
Castejón, Giménez e Javier	2015	Analisar se os professores percebem que alguns conteúdos são mais adequados para os meninos, excluindo a participação das meninas.	Os professores acham que ainda existe uma abordagem masculina para as aulas de educação física. Os meninos preferem conteúdos esportivos e de preparo físico, enquanto as meninas preferem conteúdos expressivos, principalmente dança.
Mariano e Altmann	2016	Analisar as relações de gênero nas aulas de educação física na educação infantil.	Expectativas e incentivos docentes, quando expressas para as crianças de forma polarizada, produziram desigualdades de gênero. Intervenções menos polarizadas produziram relações de gênero menos hierarquizadas e desiguais entre as crianças.
Monteiro	2017	Discutir a construção identitária e sua relação com as aulas de educação física valendo-se de significados construídos por estudantes, mediante as influências da sociedade e as construções identitárias dos diferentes sexos.	Ao final do ensino médio, na escola estudada, a educação física auxilia na construção identitária dos/as alunos/as que representam o masculino como superior, naturalizando a sua maior participação e desempenho nas aulas da disciplina.
Gonsalves e Martínez	2018	Analisar as diferenças de gênero e idade com relação à prática de exercícios físicos em uma amostra de adolescentes e universitários.	Observou-se que os meninos praticam mais exercícios físicos. A motivação para a prática de exercício físico são diferentes de acordo ao gênero, sendo constatados estereótipos e a tradicional ligação do gênero aos diferentes esportes, embora em algumas modalidades esportivas a prática seja compartilhada.
Altmann <i>et al</i>	2018	Identificar as percepções de escolares do 8º e 9º do ensino fundamental sobre as experiências com as atividades físicas e esportivas.	As desigualdades de gênero foram favoráveis aos meninos em quase todos os aspectos avaliados, exceto no apoio docente, que foi percebido de forma equânime.

PERSPECTIVAS DOS DOCENTES



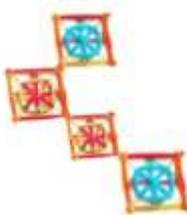
Nessa categoria apresentamos a “perspectiva dos docentes” em relação às dinâmicas que permeiam as aulas de educação física e as relações de gênero, na literatura revisada. Através das leituras de Foucault concernentes as relações de poder e biopolítica, Morais e Silva (2012) trás a tona os elementos que historicamente foram utilizados para disciplinar os corpos e docilizá-los, sendo a escola uma das instituições que contribuiu para a normatização de comportamentos e atitudes individuais, embasado em características sexuais e anatômicas, o autor nos mostra que foi nesse mesmo contexto que a educação física se tornou e ainda é, em alguma medida, parte desses processos.

A utilização do corpo como ferramenta de trabalho e produtividade, para os homens, ou para as mulheres, como meio de procriação e preservação da raça, delimitava quais atividades deveriam ser executadas para atender a esses objetivos, e tanto os discursos médicos e científicos, como as práticas desenvolvidas na área da educação física, contribuíram para legitimar esses preceitos. Embora, esse discurso tenha sido reelaborado, assim como nas demais práticas sociais, o padrão heteronormativo⁴, ainda motiva as condutas desenvolvidas na escola e nas aulas de educação física.

De modo geral, se observa que as desigualdades de gênero são percebidas pelos professores em sua atuação profissional (ANDRES, JAEGER E GOELLNER, 2015). Andrés *et al* (2014), como também Castejón, Giménez e Javier (2015) relatam que os professores de educação física veem que há uma aborgagem masculinizada da disciplina na escola. Contudo, não há um aprofundamento crítico dos fatores que direcionam a sua atuação nesse sentido.

Os conflitos que permeiam as relações de gênero na escola são relatados desde o período de planejamento, como também durante a execução das aulas, sendo que para eles as aulas mistas são importantes para tematização e desconstrução dessas relações desiguais (ALTMANN, AYOUB E AMARAL, 2011). Além disso, observou-se que as aulas onde o professor atua como mediador nos processos de ensino-aprendizagem, os discentes tendem a agir de modo menos desigual (MARIANO E ALTMANN, 2016).

⁴ Esse termo faz referência ao modelo “normal” de indivíduo, ou seja, o sujeito heterossexual. Além de características sexuais, refere-se a padrões de comportamentos, “onde o corpo feminino é perfeito a maternagem (portanto ao privado) e o masculino perfeito a guerra (portanto ao público)” (MÉLLO, 2012, p. 198).



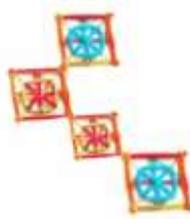
Dessa forma, os estudos supracitados destacam que as diferenças de gênero no contexto das práticas pedagógicas desenvolvidas no campo da educação física escolar, se apresentam como um cenário importante para pensarmos tanto em como tem sido desenvolvida a formação inicial dos docentes, e como o tema tem sido tratado no meio acadêmico. Como também, nos fornece caminhos para entendermos como tem se caracterizado a atuação dos professores na escola afim de que possam ser elaboradas estratégias para minimizar e extinguir essas diferenças.

EXPERIÊNCIAS DOS DISCENTES

Ao observarmos meninos e meninas na escola, vemos que eles tendem a desenvolverem atitudes diferentes no espaço escolar. Mais especificamente, no que se refere às aulas de educação física, logo num momento inicial, se percebe que os meninos apresentam uma maior familiaridade com a prática de atividades físicas e esportivas, maior domínio do espaço, participação nas competições escolares, o interesse pelas aulas, enquanto as meninas tendem a não demonstram a mesma motivação. Historicamente, a participação dos homens no campo da educação física tem sido maior, ancorada por uma suposta “supremacia” masculina (GOELLNER, 2007).

Assim, como na percepção dos professores, nessa categoria que trata das experiências vivenciadas pelos alunos, percebemos que as diferenças de gênero também são manifestas. Uchoga e Altmann (2015), como também Altmann *et al* (2018) ao analisarem aulas de educação física no ensino fundamental, demarcam que as desigualdades de gênero tendem a favorecer os meninos. Considerando que nesse nível de ensino, a faixa etária varia entre o final da infância e início da adolescência, estágio em que ocorre a puberdade e as características sexuais se desenvolvem de forma mais acelerada, nos parece que é a partir de então, que as relações de gênero começam a ocorrer de modo mais desigual, em função dos aspectos biológicos que se tornam mais aparentes.

A pesquisa de Monteiro (2017), com alunos do ensino médio, demonstra que essas diferenças de gênero se intensificam nesse nível de ensino, contribuindo para as desigualdades permanecerem além do espaço escolar. O estudo desenvolvido por Gonsalves e Martínez (2018) reforçam esse entendimento ao investigarem a motivação para a prática de exercícios físicos entre adolescentes e universitários e constatarem que



usualmente os homens apresentam maior interesse por essas práticas. Embora, entendamos que o interesse pela realização de práticas corporais, se relaciona com outras experiências e ambientes sociais dos quais as crianças e adolescentes fazem parte, vemos que ainda é necessária a desconstrução de alguns estigmas que se manifestam na educação física escolar com relação ao gênero e as atividades desenvolvidas nessa disciplina para que possamos desenvolver uma educação física mais igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou discutir as relações de gênero nas aulas de Educação Física Escolar, uma vez que a desigualdade de gênero é um problema que afeta a participação dos alunos, tanto na escola, como nas práticas corporais desenvolvidas em outros ambientes. Quando pensamos no currículo da educação física escolar e na atuação dos professores, os quais são flexíveis, vemos aí um caminho para que a participação de meninos e meninas venha a ocorrer de forma democrática.

É preciso ter em mente que a própria formação dos professores, também precisa discutir esse e outros aspectos que repercutem nas práticas pedagógicas no campo da educação física, já que os professores baseiam sua atuação nos conhecimentos adquiridos em sua formação inicial. Assim, refletir sobre os aspectos que regem a formação de professores de educação física é um dos caminhos para diminuição dessas desigualdades.

Além disso, é necessário refletir sobre as estratégias adotadas pelos docentes em seu cotidiano, para que as aulas de educação física direcionem as aprendizagens de forma reflexiva e autônoma, como também, pensar em formas de para minimizar essas diferenças, é algo necessário, dentro do campo da educação física escolar, de modo que as desigualdades de gênero possam ser rompidas.

Por fim, ciente das limitações metodológicas desta revisão bibliográfica, principalmente no que concerne à sua amostra, as informações aqui apresentadas dizem respeito aos estudos analisados na base SciELO Brasil. Deste modo, recomenda-se a realização de revisões noutras bases de dados perspectivando obter um panorama maior da produção acadêmica sobre as “relações de gênero nas aulas de educação física”, bem



como a realização de outros estudos com enfoques diferenciados sobre a temática aqui abordada.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. *et al.* Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Rev. Estud. Fem.**, 2018, vol.26, no.1.

ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Rev. Estud. Fem.**, Ago 2011, vol.19, no.2, p.491-501.

ANDRÉS, O. C. *et al.* Gender equity in physical education: The use of language. **Motriz: rev. educ. fis.**, Sept 2014, vol.20, no.3, p.239-248.

ANDRES, S. S.; JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. Educar para a Diversidade: Gênero e Sexualidade Segundo a Percepção de Estudantes e Supervisoras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFSM). **Rev. educ. fis. UEM**, Jun 2015, vol.26, no.2, p.167-179.

BARROS, J.D.A. A História Social: seus significados e seus caminhos. LPH - **Revista de História da UFOP**. n° 15, 2005.

BOSHOLN, G.H.; PAIM, M.C.C. **Ética e Gênero no Futsal Feminino em Competições Escolares**, Anais do Seminário Internacional de Educação - SIEDUCA 2017. Disponível em: <https://www.ulbracds.com.br/index.php/sieduca/article/view/424>
Acesso em: 05/07/2020.

CASTEJÓN, F. J.; GIMÉNEZ, F. J. Teachers' perceptions of physical education content and influences on gender differences. **Motriz: rev. educ. fis.**, Dec 2015, vol.21, no.4, p.375-385.

CORRÊA, J.T. NUNES, L. GRAEFF. B. Reflexões sobre aulas de Educação Física separadas por sexo e mistas a partir da vivência no PIBID EF FURG. **Revista Didática Sistêmica**, 339-352, 2012.2012.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2008.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.

GONÇALVES, V. O.; MARTÍNEZ, J. P. Género y práctica de ejercicio físico de adolescentes y universitarios. **Cad. Pesqui.**, Dic 2018, vol.48, no.170, p.1114-1128.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis. Vozes, 6ª Edição, 2005.

MARIANO, M.; ALTMANN, H. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas? **Cad. Pagu**, Abr 2016, no.46, p.411-438.



MÉLLO, R.P. Corpos, Heteronormatividade e Performances Híbridas. **Psicologia & Sociedade**; 24 (1), 197-207, 2012.

MONTEIRO, M. V. P. A construção identitária nas aulas de educação física. **Rev. Bras. Educ.**, Jun 2017, vol.22, no.69, p.339-359.

MORAES E SILVA, M. Escola e educação física: maquinaria disciplinar, biopolítica e generificante. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Jun 2012, vol.34, no.2, p.343-357.

OLIVEIRA, M.A.T. Existe Espaço para o Ensino de Educação Física na Escola Básica? **Revista Pensar a Prática**. 2: 119-135, Jun./Jun. 1998/1999. Goiânia, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/152/0>> Acesso em: 05/07/2020.

SOUSA, J.C. **História da Educação Física como Disciplina Escolar**. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Jun 2016, vol.38, no.2, p.163-170.